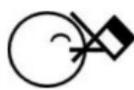


A HORA DA LEITURA PARA CRIANÇAS: REFLEXÕES SOBRE A CURADORIA DO NARRADOR DE HISTÓRIAS

Reading time for children: reflections about the narrator's curatory



Claudia Pimentel¹



Cristiane Correia Taveira²



Luiz Alexandre da Silva Rosado³



Mônica Baptista Correa⁴

¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES; Rio de Janeiro; RJ; Brasil; cpimentel@ines.gov.br

² Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES; Rio de Janeiro; RJ; Brasil; ctaveira@ines.gov.br

³ Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES; Rio de Janeiro; RJ; Brasil; lalexandre@ines.gov.br

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG; Belo Horizonte; MG; monicacb.ufmg@gmail.com

RESUMO

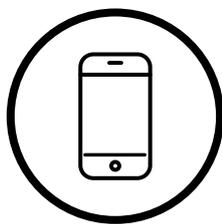
Este artigo intenciona compartilhar preocupações que devem ser consideradas na curadoria do contador de histórias. Estamos tratando do fazer do professor quando este concebe e produz o momento da leitura. Defendemos a curadoria do narrador, dos espaços e de suas ações: escolher quando, como e o quê irá acrescentar à hora da história, respeitando o que o objeto livro traz, considerando novos e velhos jeitos de selecionar, contar e recontar histórias. Nos ocupamos de enaltecer um fazer mais artístico sem a pretensão de excluir os artefactos tecnológicos contemporâneos. A leitura de Walter Benjamin desperta questões centrais para este artigo. Robert Darton serve de apoio para refletir sobre a relação das narrativas com a cultura; outros autores, tais como Paddy Ladd e Janie Gonçalves, contribuem para considerações sobre materiais que auxiliam na comunicação com as crianças pequenas e o público em geral. Relacionamos, também, os estudos de Vinci à Psicologia da Arte de Vigotski. Para Vigostki, o que está em jogo, na diversidade de formas da arte literária, são as emoções, suas contradições e os “curto-circuitos” que promovem em quem lê. O objetivo foi apresentar duas iniciativas de instituições públicas federais, a bebeteca e a brinquedoteca, ambas transitando entre os fazeres da arte da curadoria da hora da leitura. Consideramos a forma escolhida pelo narrador para apresentar, ao público, o livro escolhido: seleção de livros feita previamente e outras estratégias que se dão na tensão entre o tecnológico e o artístico, enaltecendo que se deve estar livre de qualquer prescrição.

Palavras-chave: Literatura; Bebeteca; Brinquedoteca; Curadoria.

ABSTRACT

Reading Walter Benjamin raises central questions for this article. Robert Darton serves as support to reflect on the relationship between narratives and culture; other authors, such as Paddy Ladd and Janie Gonçalves, contribute to considerations about materials that help in communicating with young children and the general public. We relate Vinci's studies to Vigotski's Psychology of Art. For Vigostki, what is at stake in fables and other forms of literary art are emotions, their contradictions and the short circuits they promote in those who read. We are dealing with the teacher's actions when he conceives and produces the moment of reading and we are committed to curating the narrator, the spaces and his actions: choosing when, how and what will add to the story time, respecting the book's object, bringing new and old ways of selecting, telling and retelling stories. We consider the way chosen by the narrator to present the chosen book to the public requires: selection of books made in advance and other strategies that occur in the tension between technical and artistic work. This article intends to share some concerns that must be considered when curating stories, we are dedicated to praising and demanding a more artistic approach. The objective is to present two initiatives, the beer library and the storytelling toy library from two federal public institutions, which move between the new and the old, which is also part of the art of curation

Keywords: Literature; Baby Library; Toy Library; Curatorship.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
<https://youtu.be/BLquG7Cjvvk>



Introdução

O objetivo deste artigo é discorrer sobre alguns aspectos relacionados à curadoria do narrador nas sessões de histórias para crianças, fazendo um contraponto entre o passado e o presente. O narrador faz a seleção dos livros, divulga o horário, organiza o espaço, planeja a mediação entre outras estratégias de preparação para que a hora da leitura acolha o público da melhor forma. Esse trabalho do narrador, que antecede a hora da leitura, que se manifesta durante a hora da leitura e que, nas escolas, muitas vezes se dá após a leitura, será considerado como uma curadoria. Etimologicamente, a palavra curadoria tem origem do latim *curator*, que quer dizer “aquele que administra”, “aquele que tem cuidado e apreço”.

A linguística estuda o narrador como parte integrante da narrativa, inscrito no texto

impresso ou oral. Não é desse narrador que vamos tratar e sim daquele que chamamos comumente de contador de histórias. A arte de narrar histórias é concebida também como mediação da leitura e muito se tem debatido sobre o tema. Mediação, contação, narração, sensibilização... mudam os nomes, mas o objetivo é o mesmo: despertar a vontade de ler e de suspender o tempo da realidade, o tempo dos deveres e dos afazeres e entrar no tempo da narrativa, sabendo que uma história puxa outra, como ensina o dito popular, o que traz uma dimensão dialógica e sempre aberta a diferentes possibilidades.

Partimos de reflexões iniciais sobre a recepção estética do texto literário, na intenção de reforçar nosso compromisso com a vida, na relação com a arte e com a ciência, procurando defender o lugar do diálogo na hora da leitura, para além das dicotomias entre o certo e o errado muitas vezes presentes em avaliações e exercícios de interpretação. Duas ações de promoção da leitura serão apresentadas para ilustrar os princípios que serão abordados neste artigo, a Bebeteca, envolvendo iniciativas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), e a produção de conto e reconto de histórias na brinquedoteca, a partir de experiências do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

1 Reflexões sobre a recepção estética

Aproximamo-nos dos estudos de Vinci (2022), sobre a filosofia de Giles Deleuze (1925-1995) e da Psicologia da Arte de Vigotski (1999), quando este trata da análise da reação estética. Vinci (2022) reflete sobre o fato de que a “concepção clássica da História da Filosofia exige que, para compreendermos um determinado autor, devemos ler suas obras e, em seguida, os seus comentadores, para, então, elaborarmos uma reflexão.” (Vinci, 2022, p. 69). Essa visão clássica pressupõe a compreensão das engrenagens internas do texto para “interpretá-lo até o limite de nossas capacidades”, o que resultaria em “redizer aquilo que um filósofo disse”. Essa concepção leva o autor a afirmar que

Um bom livro é aquele que nos emociona, ao se conectar com problemas e questões que não são realmente as do autor, ao invés daquele que simplesmente almeja nos convencer. Para gerar essa comoção, esse afecto, o texto deve ser modulado visando a dificultar, quando não tornar inócuo, o exercício interpretativo. É uma modulação, por fim, que exige a construção de um fluxo próprio [...] um fluxo capaz de arrastar autor e leitor para direções inusitadas, abrindo-os para outras experiências vitais. (Vinci, 2022, p. 68).

O autor Vinci (2022) enfatiza as questões universais trazidas pelo autor de uma obra ao seu leitor, algo que se sobrepõe aos contextos particulares de sua criação (a exegese). Percebemos, assim, um contraponto à exegese ofertada por comentadores, facilitadores, e, no nosso caso, professores quando contextualizam e direcionam a interpretação de uma obra por seus alunos. Vinci (idem) defende a fruição no exercício interpretativo, a aproximação sensível ao texto proporcionando o imprevisto, o que contraria a submissão do leitor à exegese. A pretensão da exegese seria o esgotamento das interpretações possíveis, mas o texto filosófico ainda pode suscitar novas leituras, o que podemos afirmar, também, ao pensarmos no texto literário.

A leitura de Vinci (2022), a partir de seus estudos filosóficos, nos instiga a refletir sobre os exercícios de interpretação de textos muitas vezes previstos em encartes inseridos nos livros de literatura infantil, que direcionam os fazeres docentes com os leitores, e o mesmo se pode afirmar sobre os livros didáticos que exigem respostas perguntas feitas desconectadas da recepção estética, sempre única. A reflexão aqui proposta sobre a curadoria do narrador nos leva a considerar as possibilidades de diálogo durante e após a leitura, que sejam acolhedoras das diversas direções inusitadas que a leitura do texto literário suscita, descartando a

necessidade de considerar a exegese do texto como única forma de compreendê-lo.

Vigotski (1999) se debruça sobre as fábulas para argumentar que a arte literária não se resume à mera explicação de fatos ou de transmissão de ensinamentos. O autor argumenta que a fábula não pode ser caracterizada apenas como uma narrativa na qual os animais são personagens. A escolha de animais não é tanto por seu caráter (para alguns autores as características físicas de determinados animais se aproximam das tendências psicológicas humanas), mas sobretudo pelo colorido emocional que trazem à narrativa. O uso de personagens animais está, portanto, relacionado ao efeito estético da fábula. Os personagens, como em qualquer obra de arte, são como peças de xadrez usadas para definir ações e emoções:

Deste modo, a literariedade, a convencionalidade desses heróis garante o isolamento necessário para o efeito artístico, e essa mesma propriedade vamos encontrar posteriormente em todas as personagens da literatura. (Vigotski, 1999, p.120).

Vigotski (1999) destaca a contradição emocional da fábula, que contém uma catástrofe. Ele demonstra como essa contradição desenvolve-se:

sempre em dois planos, e esses dois planos crescem simultaneamente, intensificando-se e elevando-se de tal forma que, no fundo, ambos constituem a mesma coisa e estão reunidos numa ação, permanecendo sempre duais [...]. A narrativa, com versos e outros procedimentos estilísticos da ação [deve ser capaz de] suscitar em nós dois sentimentos estilísticos e contraditoriamente orientados e em seguida destruí-los na catástrofe das fábulas em que ambas as correntes parecem fundir-se num curto-circuito. (Vigotski, 1999, p.173).

Dessa forma, entendemos que cabe ao narrador preparar comentários e observações a serem feitas antes ou depois da leitura, e até mesmo durante a leitura, caso sinta necessidade, desde que respeite a experiência estética que se espera proporcionar numa sessão de histórias literárias. Isso significa que não cabe explicar o texto, traduzir e adaptar com suas próprias palavras o que o autor demorou para construir como arte. Não cabe transformar narração em informação. No pacto entre o narrador e seu público, a leitura deve ser respeitada e as crianças sabem muito bem quando o adulto tenta “passar a perna” e inventar da sua cabeça o que quiser, tentando “fazer de conta” que está lendo. O mesmo vale para as tentativas de direcionar a recepção estética, sempre singular e marcada pela emoção. É comum que o professor, quando assume o lugar de leitor de histórias, prepare algumas perguntas. Considerar que a hora da leitura não se reduz a exercícios de interpretação, traz uma grande responsabilidade ao curador, que deve se preparar para o inédito, refletindo sobre como garantir um diálogo aberto à vida e às diversas vivências do seu público.

A forma escolhida pelo narrador para apresentar ao público o livro selecionado nos leva a considerar a hora da leitura como uma tertúlia literária, uma prática de leitura dialógica que consiste em um encontro ao redor da literatura, no qual os participantes leem, debatem, compartilham as obras literárias selecionadas. Espera-se que a hora da leitura seja uma oportunidade de diálogo e aprofundamento nos significados e nos sentidos sugeridos pelo texto selecionado, ou pelo tema que perpassa a tertúlia, mas que seja principalmente uma oportunidade de escuta das diferenças e dos diferentes percursos de leitura, acolhendo as emoções despertadas pela leitura. A condução desse diálogo faz parte e resulta do trabalho da curadoria do narrador. Veremos que, em algumas experiências de leituras, o adensamento do diálogo muitas vezes se dá com recursos semióticos escolhidos criteriosamente pelo narrador.

2 Espaços de livro e leituras - as “tecas”

Entendemos que as ilustrações, os formatos dos livros, suas capas são elementos que colaboram para a construção de sentidos do texto, acrescentando valor estético, e o narrador das histórias escolhidas, como curador da hora da leitura, pode se valer do todo do livro e não só do texto escrito. O curador pode fazer uso de rélias, objetos, outros textos, artefatos culturais mais recentes como as mídias sociais e de busca de conteúdo e acesso à informação de forma ampliada, além do espaço da leitura, da sala dos livros, das salas de leitura, bebetecas, bibliotecas - que por si são convites à leitura - e também de brinquedotecas, na intenção de dar visibilidade ao seu ofício e de garantir a comunicação, sem perder de vista o objetivo de sensibilizar para o texto literário.

A organização desses espaços concretos ou virtuais - como Instagram, sites, blogs - e seus acervos denotam escolhas, seleções e definem o perfil que resulta do trabalho da curadoria. O sufixo “teca”, que tem origem no termo grego *thékê*, exprime noção de coleção, local de armazenamento e até mesmo caixa ou estojo. Dessa forma, convidamos o contador de histórias a refletir sobre seu acervo, feito não só de seleção de livros, mas de muitas outras escolhas artísticas, lúdicas, educativas, culturais.

É comum que nas escolas as professoras leiam e contem histórias para os alunos, pelo menos nas creches, pré-escolas e no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Há um consenso sobre a necessidade dessa prática e sobre a importância das narrativas feitas em casa pelas famílias. Além disso, no Brasil, em muitos lugares percebemos os contadores de histórias trabalhando inclusive em teatros, praças e bibliotecas, além de contadores de “causos”, piadas e improvisos que em seu cotidiano inserem em suas conversas pequenas narrativas.

Se recuarmos um pouco no tempo e observamos outras culturas, podemos perceber narradores de histórias de todos os tipos. Vamos tentar apreender alguns princípios com narradores mais experientes para nortear educadores em suas escolhas, ampliando referências para fazer sua própria curadoria para a hora da leitura. Muitas vezes, onde menos esperamos, um piadista ou um bom proseador ultrapassa em muito os saberes acadêmicos. A intenção é trazer algumas contribuições para abordar esse tema que, como qualquer arte, tem muito mais do talento do artista do que as fórmulas são capazes de demonstrar.

3 No contraponto entre o passado e o presente

Contar histórias: uma atividade coletiva?

O filósofo e crítico literário Walter Benjamin escreveu o importante ensaio “O narrador” para discutir como a arte de narrar, de transmitir conhecimento de pessoa a pessoa, ganha faces variadas em diferentes épocas. Para o autor, a arte de narrar entrava em declínio no momento em que a experiência coletiva (*erfahrung*) se enfraquecia e abria espaço à experiência solitária (*erlebniz*) nos primórdios da modernidade, por volta de 1940, na Alemanha.

Espera-se que a escola, as bibliotecas e mesmo os espaços dos brinquedos, de livros e leituras, assim como os encontros em família sejam guardiões da experiência coletiva. Entendemos que no encontro entre um contador ou um leitor de história, uma criança e um livro há pelo menos personagens, temas, autores e ilustradores presentes, cabendo, portanto, afirmar que existe um coletivo na hora da leitura. O mesmo poderíamos afirmar sobre a leitura feita de forma individual? A literatura tem esse poder de trazer em si diversas vozes? Essa é uma questão que nos desafia, mas vamos nos ater às questões relacionadas ao narrador de histórias para as crianças, sem perder de vista que nos espaços educativos o professor

narrador tem seu próprio coletivo e precisa organizar a hora da sua leitura para a turma de crianças. O ideal é que esse professor-narrador possa contar com o coletivo da escola, seus gestores, as proposições do sistema de ensino, e também tenha acesso a uma boa biblioteca, local propício para começar a garimpar e a fazer sua curadoria de materiais que venham a interessar seu público, sejam crianças, professores, famílias. Voltando à preocupação do filósofo Walter Benjamin, para ele, a experiência coletiva entra em declínio quando a narrativa é substituída pela informação.

O maquinário moderno imprimia uma tal velocidade na reprodução das informações que Walter Benjamin percebia um momento em que as pessoas não teriam tempo de se dedicar às narrativas e histórias e só dariam valor à informação enquanto fosse nova. O melhor exemplo disso seria o jornal impresso que no dia seguinte serviria apenas para forrar caixas... Contudo, Walter Benjamin nos ajuda a perceber essa ação de compartilhar histórias com outras pessoas em suas diversas dimensões, por vezes colocando o foco na pessoa que narra e, para isso, ele recorre aos antigos narradores, muitos deles representantes anônimos da fugidia história oral. O autor reconhece nessa arte de contar histórias aspectos da artesanaria, que torna cada peça única se comparadas à fabricação em série dos produtos industriais.

O filósofo Walter Benjamin nos deixou um legado de reflexões sobre o início da era moderna com o surgimento de máquinas como o rádio. Descreve Berlim através de fatos e memórias e, filho de colecionadores de livros e brinquedos que foi, observa em especial a relação da criança com a cultura e compara o veludo ao vidro, nos provocando a pensar nos segredos que eram guardados simbolicamente nas dobras dos tecidos e onde foram parar na contemporaneidade com suas superfícies lisas. Percebe na Modernidade o declínio da experiência, da tradição, dos “segredos” e, por isso, teme que nada de importante possa ser transmitido às novas gerações.

4 A narrativa na idade moderna

Na época em que Walter Benjamin desenvolve suas críticas filosóficas, além do rádio, começam a proliferar as editoras, os brinquedos fabricados para as crianças e uma série de artefatos produzidos a partir de uma ideia de infância inaugurada com a Modernidade de forma geral e com a chamada revolução industrial em especial. Diante da proliferação desses novos produtos, o autor observa que os contos de fadas e as fábulas, por terem sobrevivido por tempos imemoriais, carregam ensinamentos que não deveriam ser descartados. Os provérbios seriam praticamente estilhaços de sessões de histórias que sobreviveram ao passar dos anos e das épocas e mesmo assim carregam indícios de que um diálogo aconteceu e que algo foi narrado, uma história, um acontecimento pessoal:

Talvez se tenha a noção mais clara desse processo através do provérbio, concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa. Podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro. (Benjamin, 1987, p.221)

Preocupado com a multiplicação dos novos livros que começam a ocupar as estantes dos comércios, Benjamin (1987) faz uma crítica à pedagogização da literatura infantil alertando para o fato de que as crianças exigem dos adultos explicações claras e inteligíveis. “A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas e, por isso, algo deve ser dito a favor daqueles velhos textos” (Benjamin, 1987, p.237) - tais como os contos de fadas, as fábulas, as canções e os provérbios. Também alerta para o fato de que as crianças são inventivas e não precisam dos artifícios dos adultos para se sentirem atraídas pelo que está ao seu redor. Constroem a partir das sobras

das oficinas e são capazes de colocar os detritos em uma relação nova e original:

O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos. O mesmo ocorre com a canção e com a fábula. (Benjamin, 1987, p.238)

Em seu ensaio sobre o narrador, ele afirma que “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”, o que faz com que cada peça artesanal seja única e tenha uma aura própria. Ele acrescenta que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica” (Benjamin, 1987, p. 205), o que torna a hora da narrativa uma experiência única.

5 A hora das crianças e o tempo do narrador

Quando teve um programa de rádio para as crianças, de 1929 a 1932, chamado “A hora das crianças”, Walter Benjamin deixou registradas algumas sessões por escrito que foram preservadas até hoje e assim podemos observar como apresentava sua argumentação, o que lhe chamava atenção em determinado fato, estabelecendo pactos com as crianças para deixar bem claro o que eram opiniões pessoais, marcos históricos e culturais e textos de outros autores que eram lidos e citados em suas sessões para crianças, sendo ele mesmo, além do grande filósofo, um narrador de histórias através do rádio. Esclarecia às crianças que já chegaria ao ponto em destaque, avisando inclusive o tempo da transmissão que era de vinte minutos nessas narrativas radiofônicas. É o que pode ser lido em *A hora das crianças: narrativas radiofônicas* de Walter Benjamin (2015).

Walter Benjamin compara a administração do tempo da sessão de histórias ao trabalho do farmacêutico que prepara uma receita e pesa.

os pozinhos grama por grama com a ajuda de pequeninos pesos de metal, até chegar à dose certa para fazer o medicamento. Pois da mesma forma que o farmacêutico, assim faço eu aqui quando vou contar alguma coisa para vocês no rádio. Os meus pesos são os minutos, e eu preciso medir exatamente o quanto disso e o quanto daquilo vou usar para chegar à mistura correta. (Benjamin, 2015, p. 235).

É claro que não temos aqui uma receita de pacto entre o contador de histórias e seu público que sirva para todos os narradores através de gerações, como o farmacêutico faz com suas fórmulas para que a cura que um remédio proporcionou se repita em outras ocasiões. A intenção é compartilhar com contadores de histórias essa preocupação meticulosa com os minutos, e “o quanto disso e o quanto daquilo” deve ser considerado em sua curadoria. O objetivo de apresentar a forma como Walter Benjamin deixava claro o uso do tempo foi lembrar que cada um deve estabelecer seus próprios pactos com seus espectadores, sendo bastante sincero sobre suas escolhas, seus propósitos e o tempo, para que sejam garantidos tanto a narrativa quanto os diálogos provocados por ela. Ao escolher as histórias, o narrador deve se lembrar que as crianças são sensíveis o suficiente para perceber os temas abordados à sua volta hoje em dia, muitas vezes através da televisão e também da internet, ou mesmo através dos comentários sobre os acontecimentos que de alguma forma perturbam sua comunidade e garantir que as interações feitas na sessão de histórias não banalizem a sensibilidade infantil.

6 Temas escolhidos

Quando Walter Benjamin, em suas narrativas radiofônicas, quer tematizar, por exemplo, um assunto que tomou os noticiários da época sobre o tráfico de bebidas alcoólicas, ele se dirige às crianças da seguinte forma: “(...) Eu preciso dizer algumas palavras a vocês sobre as leis importantes e os grandes propósitos que constituem o pano de fundo das histórias em que os contrabandistas de álcool são os heróis.” Ele também sabe que alguns pais podem estar ouvindo seu programa e questiona: “por que afinal devemos contar essas histórias às crianças? Devemos falar a elas sobre impostores e criminosos que desrespeitam leis para fazer uma fortuna em dólares e, pior, assim conseguem alcançar seu objetivo?” (Benjamin, 2015, p. 209). Tratava do período em que, nos Estados Unidos, havia a proibição de produção, venda e consumo de bebidas alcoólicas, o que gerou uma série de contravenções até que a lei fosse revogada. As notícias sobre o que estava acontecendo no mundo chegavam às famílias e obviamente as crianças percebiam o tema e, por isso, mereciam explicações cabíveis, pertinentes e apropriadas a elas.

Em outra narrativa radiofônica, essa sobre o grande terremoto que aconteceu em Lisboa em 1755, o autor se dirige às crianças, observando: “‘Ora essa!’ vocês vão dizer. Se o senhor vai contar sobre o terremoto em Lisboa, então comece logo pelo princípio. E então continue contando o que aconteceu depois” (Benjamin, 2015, p. 235). Nessa sessão, o objetivo de Walter Benjamin era refletir sobre o desamparo da humanidade frente às catástrofes, e não apenas descrever uma delas. Ao escolher um tema, é preciso esclarecer para o público o que chama a sua atenção e o que acha pertinente compartilhar com as crianças através de sua argumentação e não apenas narrar um acontecimento do começo ao fim ou esperar respostas certas ou erradas num momento de partilha de sentidos, significados, expectativas e emoções.

7 Os narradores na contemporaneidade e as marcas da cultura nos textos literários

Os contadores de histórias da atualidade buscam se aperfeiçoar na capacidade de fazer escolhas de livros para ler para as crianças, preparando-se para apresentá-los, tendo que encontrar um tempo da atenção das crianças em suas rotinas para ampliar seus conhecimentos sobre fatos, temas, culturas. Ao dialogar com as crianças, procuram fazer com que compreendam o motivo de um adulto ler determinado livro para elas ou comentar algum assunto. Há também aqueles narradores de histórias que preferem declamar de cor textos escolhidos ou de sua autoria, mas de toda forma precisarão do interesse do público e formas de introduzir sua sessão de narrativas, e ter a oportunidade de dialogar.

Se pensarmos na narrativa como um diálogo, podemos estabelecer que, para uma sessão de histórias, um tempo maior será dedicado à atenção dada ao narrador (ao contador de histórias), mas os espectadores estão ativamente esperando sua vez para se pronunciar, ainda que seja através de interjeições e olhares. Além disso, as crianças sempre têm algo a contribuir e trazem suas próprias narrativas e relatos de vida para a hora da leitura, o que dispensa a prática do professor de fazer perguntas óbvias sobre as histórias lidas, tais como “quais personagens” ou “qual a melhor parte da história”.

De 1929 a 1932, Walter Benjamin falou, na rádio alemã, palestras para crianças “revelando um pedagogo tão discreto como engenhoso que, assumindo o lugar de narrador, leva adiante o Iluminismo”, conforme explica a nota à edição alemã, escrita em 1985 por Rolf Tiedemann. Portanto, não é que o professor não possa trazer suas opiniões ou mesmo informações sobre o tema que perpassa a leitura literária. Seguindo a tradição iluminista, isso é até esperado do professor. Faz parte da curadoria do narrador escolher quando, como e o quê irá acrescentar à hora da história, respeitando o que o objeto livro traz, sendo fidedigno

à leitura e também àquilo que pode acrescentar, como e quando se fizer necessário. Dessa forma, faz parte da curadoria escolher temas e suscitar debates e para isso é importante estar preparado.

8 Os indícios da cultura

Os textos literários trazem marcas do seu tempo, aspectos das diferentes culturas e outros elementos que podem ser explorados na hora da leitura. No livro “O grande massacre dos gatos”, Robert Darton (1986) busca compor uma história da mentalidade da idade média baseada em indícios que permaneceram vivos de alguma forma, seja através das histórias, de arquivos administrativos ou na arquitetura. Um capítulo desse livro é dedicado à análise das “Histórias que os camponeses contam”.

Nesse texto, Robert Darton resgata versões de algumas narrativas orais registradas por escrito posteriormente, tais como “Chapeuzinho Vermelho”. Nessas narrativas, o autor busca elementos que remetem à realidade concreta, tais como a fome e a vida cotidiana das aldeias onde a “sobrevivência significava manter-se acima da linha que separava os pobres dos indigentes” (p. 43). Esses retratos da vida cotidiana presentes nesses contos trazem novos contornos para a “história oficial” feita de grandes guerras apresentadas nos livros didáticos. Robert Darton faz a chamada “história indiciária”, que busca rastros e indícios das culturas, onde os livros de história oficiais não puseram atenção, e percebe como esses indícios perpassam narrativas, sendo que algumas sobrevivem ao passar do tempo, graças às preferências de cada época e acabam cumprindo o papel de guardiãs de aspectos culturais. As histórias passadas de geração a geração, resultam em arquivos muitas vezes mais duradouros do que outros arquivos e bens materiais.

Os contos populares muitas vezes destacam o camponês e seu cotidiano marcado pelas colheitas e formas de subsistência na relação com as intempéries, por vezes personagens infantis são órfãos, muitas vezes a fome e a falta de comida aparecem em contraposição a banquetes em castelos, entre outros aspectos que “falam” de um período histórico, e o mesmo acontece em narrativas exóticas que os viajantes trazem em suas bagagens, com alusões a povos e culturas estrangeiras. Sobre a arte de contar histórias, Robert Darton destaca que a maior dificuldade é a impossibilidade de resgatar “as pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar cenas” (Darton, p. 46, 1986), nos indícios deixados pelas narrativas e que pouco trazem de seus narradores e dos locais e públicos onde as histórias circularam. Imaginamos encontros ao redor da acolhida do fogo onde pessoas de diferentes idades se reuniam para ouvir narrativas, que, graças ao gosto das gerações nos chegam até hoje tanto através das versões escritas como da tradição oral.

Podemos afirmar que recursos cênicos devem ser previstos na curadoria da hora da leitura e dão o “clima” que o narrador quer proporcionar, deixando clara a sua curadoria e seu estilo na hora de narrar as histórias. Contudo, o referencial da história indiciária nos deixa alerta para percebermos que as narrativas trazem marcas da cultura.

É o que podemos perceber na contemporaneidade quando afirmamos que existem histórias afro-referenciadas, de origem indígena, e também quando abordam temas contemporâneos, tais como os chamados temas fraturantes por romperem com comportamentos estabelecidos por gerações anteriores, como as novas organizações familiares, a separação dos pais, a morte, entre outros indícios culturais que perpassam as narrativas, além dos efeitos estéticos intencionados pelos autores e suas obras.

O curador atento selecionará materiais para conduzir o diálogo com seus espectadores em suas tertúlias literárias de forma a não banalizar suas escolhas e manter o respeito com os sentimentos despertados em seu público. Quando não souber o que responder, o que muitas

vezes acontece diante dos comentários sensíveis de crianças, pode combinar outro encontro quando talvez possa seguir com a conversa, e assim a curadoria se renova a cada vez.

9 Experiências e pesquisas contemporâneas

Projetos de conto de histórias na Bebeteca e Brinquedoteca

A partir das reflexões iniciais sobre a relação das histórias com a cultura, e entendendo que podemos abordar os mais variados temas com as crianças, sendo importante fazer uma curadoria para que a hora da leitura seja também uma oportunidade de dialogar de forma franca com as crianças, selecionamos dois projetos de forma a ilustrar alguns pontos abordados nesse artigo. Primeiro, apresentaremos a Bebeteca da Faculdade de Educação da UFMG, e em seguida o projeto de Conto e Reconto de Histórias na Brinquedoteca, do curso de Pedagogia Bilíngue do INES.

A Bebeteca tem um acervo catalogado pela biblioteca da Faculdade de Educação, e conta com espaço próprio, organizado e decorado de forma a refletir uma visão de acolhimento à infância e à autonomia das crianças e de seus professores e equipes pedagógicas de escolas e universidades, com um quantitativo de livros muito grande e de qualidade respaldada por processos de seleção e escolhas criteriosas pelos diversos componentes de sua equipe (professores, pesquisadores, bolsistas, voluntários, colaboradores); atende promotores e mediadores de leitura que atuam junto a crianças com idades entre 0 e 6 anos incompletos, recebe especial atenção do Grupo de Pesquisa Leitura e Escrita na Primeira Infância (Lepi). As diversas propostas de formação, tertúlias e encontros podem ser conhecidas através das redes sociais da internet, no Instagram, usando o link @bebetecaufmg.

Os posts desse meio de comunicação dão ideia de quão envolvidas estão as pessoas que trabalham nesse espaço com seus acervos, cursos, reflexões sobre temas e livros em destaque. Há um engajamento de diversas pessoas no processo de curadoria que perpassa cada ação da Bebeteca, tendo a coordenação geral da professora Dra. Mônica Baptista. Na divulgação das ações da Bebeteca referentes ao primeiro semestre de 2024, no chamado “Catálogo da Bebeteca”, somos informados sobre sua proposta:

A Bebeteca é um programa de extensão da Faculdade de Educação que tem por objetivo potencializar a formação de docentes, demais profissionais e pessoas interessadas em se tornarem mediadoras e promotoras de leitura junto a crianças de zero a seis anos de idade, ou para realizarem pesquisas acerca da relação entre a primeira infância e a literatura.

A apresentação de algumas ações promovidas por esse programa de extensão revela o compromisso de abordar temas considerados “proibidos” para crianças, tais como a morte. Na ementa para o encontro *on-line* (com uso da ferramenta MEET, do Google), dentro da ação denominada “O que tem nesta Bebeteca?”, lemos “Temas sensíveis nos livros para as crianças. A abordagem da morte como experiência humana na literatura infantil. Conversas e diálogos entre mediadores, crianças e literatura.” Em outro encontro dessa ação, a proposta é apresentar a obra de Nelson Cruz, indicado em 2024 para o renomado concurso internacional “Hans Christian Andersen”, considerado o “Nobel” para a Literatura Infantil.

As tertúlias, tão frequentes na sociedade “pré-televisão”, quando as pessoas se entreteem com saraus e encontros literários, são resgatadas na Bebeteca. Dentro da ação “O que tem nesta Bebeteca?”, acontecem as chamadas “tertulinhas” que são encontros presenciais com crianças de 4 e 5 anos de instituições de Educação Infantil. O lobo, personagem assustador, representante do medo em muitas narrativas tradicionais e amados

pelas crianças é tema da Tertulinha, que conta com a seguinte ementa: “As mil faces do lobo: O personagem lobo na literatura infantil. As diferentes representações e construções deste personagem nas histórias.”

Quando as crianças visitam a Bebeteca, aproveitam para conhecer outros espaços da Faculdade de Educação, como um jardim próximo à Bebeteca, onde jogos de “procure e ache” são propostos a partir das ilustrações de diferentes autorias com esse personagem em imagens plastificadas que são escondidas pelo jardim, por exemplo. As crianças “caçam” os lobos e encontram os livros de onde podem perceber a estética utilizada pelos ilustradores e que servem de base para a construção das peças desse jogo. Escutam leituras dentro e fora da Bebeteca e são recebidas por muitos integrantes da equipe, acompanhadas pelos professores de suas escolas.

Estão previstas tertúlias para adultos, cursos de extensão para professores e pesquisadores, entre eles um especialmente voltado para a curadoria de atividades com os bebês. Esta ação é denominada “Nana neném: entre livros, histórias e canções”, cuja ementa, ainda segundo o Catálogo da Bebeteca para o ano de 2024 é “Elementos de qualidade e bibliodiversidade nas escolhas de livros para construção de bebetecas. O livro e a literatura oral para/com bebês. Demais artefatos culturais que podem fazer parte dos acervos.”

Outras ações da bebeteca podem ser encontradas através do Instagram, não cabendo aqui apresentar minuciosamente tudo o que é proposto nessa iniciativa, sendo o próprio canal das redes sociais uma ferramenta para aproximar os interessados sobre o que pode ser encontrado nesse espaço, que é presencial e também *on-line*, e reflete o trabalho de muitos pesquisadores, que realizam a curadoria do espaço e suas ações. Podemos perceber como lidam com diversos aspectos que podem ser relacionados às formulações dos autores que fundamentam esse artigo, tais como a aposta no interesse e compreensão das crianças bem pequenas quando são abordados os mais diversos temas e assuntos presentes nos debates contemporâneos, a ênfase na narração de histórias, a organização dos tempos e espaços, entre outros aspectos trazidos nas reflexões iniciais deste artigo. A curadoria é percebida desde o canal do Instagram, na seleção do acervo, na programação das atividades.

A ação “Nana neném, entre livros, histórias e canções” nos convida a refletir sobre “artefatos culturais que podem fazer parte dos acervos”, como indicado em sua ementa. É nesse ponto que passamos a apresentar o projeto de Conto e Reconto na Brinquedoteca do curso de Pedagogia Bilíngue do INES. Esse programa é também marcado por diversas ações tais como aulas no curso de Pedagogia para estudantes surdos e ouvintes, cursos de extensão, grupo de pesquisa, apresentações de histórias para as crianças do Colégio de Aplicação do INES, conhecido como DEBASI (Departamento da Educação Básica). Não é um programa voltado para bebês, ainda que traga grandes contribuições para pensar ações para as crianças desde o berço. Tem público variado, como a Bebeteca, e também conta com página nas redes sociais, dando visibilidade à curadoria do grupo de pesquisa Educação, Mídias e Comunidade Surda, como um todo e de cada ação em particular, e pode ser acessado em seu site <https://edumidiascomunidadesurda.wordpress.com/>.

As ações de conto e reconto de histórias no contexto bilíngue (Língua Portuguesa/ Libras) nasce, inicialmente, das pesquisas sobre o projeto chamado *Shared Reading Project* (Projeto de Leitura Compartilhada) que propôs 15 princípios de Leitura Compartilhada. Esse projeto teve origem em escola de surdos no Havaí, ao depararem-se com dados de que nenhum dos pais ouvintes liam livros para os filhos surdos. Foi implantado nos Estados Unidos pelo *Laurent Clerc National Deaf Education Center*, da *Gallaudet University*, a partir da padronização de princípios para o “*Shared Reading Program*” (Lebedeff, 2007).

A pesquisa de Cristiane Taveira traz para o ambiente escolar o debate já iniciado sobre a importância do conto de história e da leitura compartilhada para surdos no ambiente

familiar. A Leitura Compartilhada é uma proposta para conto e reconto de histórias em língua de sinais para crianças surdas numa dinâmica muito diferente da encontrada em salas de aula e espaços escolares. Por isso, o projeto Conto e Reconto de Histórias, que acontece na Brinquedoteca do INES, tem como objetivo fundamentar e experimentar como a composição visual de ambiências (cenários, livros ilustrados, objetos multissensoriais) favorece a experiência estética das crianças surdas a partir da tradução ou recriação para a língua de sinais dos textos dos livros de literatura infantil escritos em língua portuguesa, tendo em vista grupos de crianças surdas acompanhadas por seus professores e algumas vezes mediadores no espaço do INES.

Para isso, “produzimos materiais didáticos e comunicacionais, de baixa e de alta tecnologia, visando atender a comunidade surda” em ambiente escolar, com objetos denominados de multissensoriais, “que incluem o livro selecionado e adaptado para a contação de histórias, objetos híbridos, como o vídeo digital criado para o conto e reconto da história, e a cenografia e vestuário para a teatralização da história e criação de sua ambiência” (Taveira, Pimentel e Rosado, 2022, p. 63, 64). Muitas vezes os conjuntos de materiais (kits) produzidos para o projeto incluem o livro da contação ampliado e texturizado, e objetos que mobilizam múltiplas linguagens, como animações e gravações feitas para a finalidade do reconto.

A contação de histórias, que inclui o conto e o reconto, na adaptação do projeto norte-americano para a realidade brasileira, destaca o livro, os elementos utilizados na ambiência, além de um roteiro para montagem de teatralizações, visando oportunidades de reconto pelas crianças - produtos que são construídos na intenção de serem enviados aos espaços escolares. A cenografia e as projeções das animações têm a finalidade de auxiliar no conto e reconto, na ampliação sensorial e comunicativa na interação com as histórias, destinadas a vivenciar a multissensorialidade pretendida.

Autores como Paddy Ladd e Janie Gonçalves (2011) e os estudos surdos consideram as modalidades de aprendizagem viso-gestual-tátil, calcados em princípios biológicos e culturais que levam em consideração a modalidade de recepção e produção de crianças surdas, surdocegas e com deficiências, no que se refere ao uso da língua de sinais e dos recursos audiovisuais contemporâneos, além de objetos lúdicos, maquetes e brinquedos, confeccionados, artesanalmente, na brinquedoteca. Enfatiza-se o entendimento do modo de construção do conhecimento por meio da língua e de recursos que favoreçam a “visualidade” (Ladd e Gonçalves, 2011).

Entende-se que a educação de surdos amplia o interesse pelos recursos utilizados em projetos de leitura, pois a multissensorialidade da/na aprendizagem são fundantes das pedagogias surdas. Contudo, é possível esperar que as contribuições das pesquisas sobre essas modalidades de aprendizagem podem ser incorporadas também aos estudos sobre a educação literária para todas as crianças, pois acrescenta aos critérios de seleção de livros a sensibilidade para escolhas dos materiais multissensoriais, sempre únicos, produzidos artesanalmente, de forma a ampliar a experiência estética suscitada pela narrativa.

No contexto do programa Conto e Reconto de Histórias são produzidos cenografia, ampliação e texturização do livro mediante presença de surdos, pessoas surdas com autismo, surdocegos e baixa visão, colaboradores da pesquisa que, além de participarem da confecção de objetos tridimensionais e multissensoriais, contribuem com sua própria experiência para elucidar o que pode favorecer a interlocução com crianças surdas com baixa visão, surdocegas e com outras deficiências. O ato de fazer o conto e reconto das histórias pode ser realizado com a projeção de vídeo digital e ampliação do livro (*datashow*) e outros recursos contemporâneos (animação, curtametragem), sendo um importante aspecto da hora da leitura, para as crianças, na experimentação direta com a cenografia e a ambiência e os diversos objetos e rélias introduzidos para melhor comunicação, compreensão dos significados, favorecendo o

intercâmbio de sentidos.

As pedagogias surdas, portanto, procuram contemplar o que é definido por Ladd e Gonçalves (2011) quanto ao uso da modalidade viso-gestual-tátil (VGT). Ambiência e cenografia compõem os espaços em que ocorrerão dramatizações em tempo real ou videografadas. Para a hora das histórias são previstos roteiros, cenários e figurinos (Rosado E Taveira, 2023) que refletem a curadoria das ações de conto e reconto de histórias.

Esperamos com esse breve relato de duas experiências contemporâneas dar visibilidade ao trabalho da curadoria de novos narradores que se beneficiam de espaços coletivos de trabalho e das novas tecnologias para criar o adensamento da experiência estética sem perder de vista as especificidades de cada público, outrossim, intercambiando experiências que favoreçam a qualidade da hora da leitura.

Considerações Finais

Terminamos este artigo lembrando que assim como os contos tradicionais trazem vestígios culturais, os contos contemporâneos têm seus temas que de alguma forma perpassam nossas formas de viver, nosso cotidiano, a vida das crianças e também as novas formas de narrar. Cabe aos narradores contemporâneos reconhecer suas escolhas e dar atenção à sua maneira particular de apresentá-las ao público, de forma a criarem camadas de sentidos e significados que podem gerar efeitos cômicos, trágicos, entre outros, sugerindo uma dinâmica de contação de histórias entre os participantes que vai muito além da leitura, mas que sem a leitura perde o sentido de ser. A leitura literária proporciona a experiência estética e cria uma dimensão diferenciada em relação à informação.

Intencionamos destacar a função da curadoria do narrador para a hora da leitura. Questionamos se a experiência coletiva (*erfahrung*) está fadada ao declínio ao enfraquecer e abrir espaço à experiência solitária (*erlebniz*) e chegamos à apresentação de dois programas de leitura que, sem a participação de diferentes agentes (estudantes, voluntários, pesquisadores, bolsistas) não conseguiriam atingir seus objetivos principais: o fazer em grupos de estudos e pesquisas e o atendimento a grupos de crianças desde o berço, que resgata a dimensão coletiva da arte de narrar histórias. Por fim, é preciso questionar os caminhos da instituição escolar: se a opção é seguir uma sucessão de vivências nas quais a transmissão da informação é o maior propósito, ainda que no dia seguinte da avaliação já não tenha nenhum valor; ou se caminha para construção de diálogos coletivos favorecidos pela experiência estética, tecida por contradições de diferentes emoções, entendendo que as crianças são perspicazes e nada escapa à sua curiosidade e o compartilhar de suas vivências acrescenta sentidos à experiência de compartilhar narrativas. Entendemos que o exercício interpretativo abre lugar ao diálogo sobre o inesperado.

Perscrutamos algumas ações do narrador e como essas ações delineiam o perfil da sua autoria como curador da hora das histórias. Em contrapartida ao que ditam os manuais de interpretação de textos, sejam em encartes acrescentados aos livros de literatura infantil, sejam em atividades previstas em livros didáticos, listamos algumas ações que consideramos como interessantes para aqueles que querem deixar sua marca, dando a sua autoria, ou tornando seu fazer artesanal, ao fazer sua curadoria da hora das histórias:

- o curador é aquele que administra e cuida da hora da leitura e de suas formas de divulgação;
- espaços contemporâneos como Instagram e sites manifestam o perfil esperado para os narradores que se filiam a grupos de contadores de histórias.

Os espaços concretos ou virtuais (como Instagram, sites, blogs) e seus acervos denotam escolhas, seleções e definem o perfil que resulta do trabalho da curadoria. O mesmo se dá em salas de leitura, bibliotecas, bebetecas, brinquedotecas ou mesmo caixas de livros ou outras estratégias que intentam dar visibilidade aos livros e suas escolhas, e neste debruçar sobre jeitos de fazer a curadoria do narrador, dos espaços e de suas ações:

- o coletivo da escola, que inclui seus gestores, as proposições do sistema de ensino e o acesso a boas bibliotecas e brinquedotecas são necessários para dar início à curadoria de materiais;
- ações durante e após a leitura implicam em seleção de perguntas ou formas de escutar os espectadores abertas ao inusitado e às diferentes vivências das crianças;
- ao estabelecer o diálogo na hora da leitura, é importante deixar claro para as crianças o que de fato está sendo lido e o que são explicações sobre a escolha do texto, traduções ou adaptações, respeitando o que o autor demorou para construir em seu texto literário.

Ao sairmos do óbvio manualizado ou pedagogizado guia de interpretação de histórias, fruímos das atividades da curadoria que preveem um processo autoral e consciente da escolha de temas e do que podemos prever e suscitar de debates e, para isso, estando o narrador de histórias preparado e apetrechado com recursos, um clima e ambiência que sejam propícios ao:

- tempo da hora das histórias que é um elemento a ser considerado, garantindo tanto a leitura como aos diálogos que se fizerem necessários;
- materiais ou artefactos artesanalmente concebidos e que auxiliem na comunicação com as crianças pequenas e o público em geral, precisando, de alguma forma, trazer a atenção à narrativa proposta no livro, assim como suas ilustrações, os formatos dos livros, suas capas;
- recurso cênico, cenografia e roteiro de teatro e cinema, à filmagem que são linguagens trazidas pelas novas mídias propiciando outros elementos que são previstos, contemporaneamente, na curadoria do narrador.

Por fim, integra a curadoria na hora da leitura e as escolhas feitas pelos narradores, a aposta na sensibilidade das crianças para lidar com os aspectos culturais e históricos presentes no seu cotidiano e que ampliam suas relações com o texto literário e, como em qualquer arte, devendo se sentirem livres de qualquer prescrição.

A curadoria defendida neste artigo visa uma reflexão estética, poética, histórica, com árduo esforço epistemológico, para a definição de uma curadoria do narrador de histórias, no entanto, sem conduzir-nos às amarras de uma lista de recomendações pedagogizantes que possam ser insensíveis à perscruta das vivências na/da primeira infância e seus primeiros passos de apreciação de obras literárias. Tentativas foram realizadas para fundamentar as reflexões com autores basilares e complementares de nosso tempo.

Este artigo está em sintonia com a ideia de mediação não diretiva, mas dialogada, sem que isso signifique o abandono de parâmetros. Existe uma materialidade composta por livros, situados em contextos históricos e biográficos de criação, assim como existem formas de ler e ambiências próprias à leitura (a Bebeteca, a Brinquedoteca), envoltas de situações, principalmente nas escolas, que devem ser consideradas, como a dosagem do tempo durante uma contação e a escolha adequada de elementos que favoreçam a atenção e a compreensão

das crianças.

A práxis esteve presente neste artigo por meio de duas iniciativas concretas e verificáveis daquilo que pretendemos defender, a bebeteca e a brinquedoteca para contadores de histórias. Uma das iniciativas é fortemente interessada na seleção de obras e na constituição de uma coleção de objetos (o livro) e de fazeres da contação de história, a outra está organizada em torno da produção de objetos (o livro, o brinquedo, o vídeo) e se incumbe dos mesmos fazeres da primeira. As duas iniciativas organizam as suas práticas a partir do empenho de copartícipes da pesquisa, de múltiplos olhares, dos diferentes atores e autores dessas práticas.

Apontamos que esses atores e autores pré e pós-televisores, na bibliografia presente nesta pesquisa e nos contadores de histórias vivificados nos dois projetos, lançam luzes ao trabalho artístico da contação de histórias. Este fazer da contação de histórias é tão caro às nossas escolas públicas e aos espaços não-escolares de atenção à primeira infância por constituírem as bases fundantes para a formação de pequenos leitores. Sujeitos letrados, visual e verbalmente, são atravessados por práticas que, sempre datados como testemunho dos seus tempos, são possibilitadas por aqueles que têm cuidado e afeto ao administrarem espaços e ambiências de leitura e portanto, a hora da leitura para crianças se beneficia destes movimentos de curadoria do narrador.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. *A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*. trad.: Aldo Medeiros. 1. Ed. Rio de Janeiro: Nau Ed. 2015.

DARTON, R. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

LADD, P. & GONCALES, J. C. do A. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed ULBRA, 2011.

LEBEDEFF, T. B. Alternativas de letramento para crianças surdas: uma discussão sobre o Shared Reading Program. In: REUNIAO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2007, p.1-15. <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT15-3727--Int.pdf>

ROSADO, L. A. da S.; TAVEIRA, C. C. Em busca da visualidade surda: entrelaces de experiências em três projetos de pesquisa-ação no INES. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. 2023, v. 20, n. 61, 2023, p. 1-22

TAVEIRA, C; PIMENTEL, C; ROSADO, A. Conto e reconto de histórias para crianças surdas: mapeando estratégias, técnicas e objetos, Rio de Janeiro, *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Volume 19, Número 57, 2022, pags 79 a 81

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VINCI, C. F. R. G. Deleuze e a escrita: entre a filosofia e a literatura. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 45, n. 2, p. 53-72, Abr./Jun., 2022. Acesso em 8 abr. 2024.